

## PRÁXIS DISCURSIVA E TRÊS TÁTICAS DE DESMITIFICAÇÃO

José Leite Jr.<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a função humanizadora do saber, no momento histórico atual, em que a crise do capitalismo refaz seus disfarces ideológicos discursivos. Chama atenção, na atualidade, uma prática discursiva que busca negar os alcances civilizatórios inaugurados no século dezoito, com o Iluminismo. Ainda é atual o lema da Revolução Francesa – “Liberdade, Igualdade, Fraternidade” – que tem inspirado o discurso civilizatório, a exemplo da Declaração dos Direitos Humanos e da Constituição Federal de 1988, no Brasil. O discurso contrário aos valores iluministas é proposto por um antidestinador que oferece um contrato anti-civilizatório a um destinatário coletivo, cuja práxis discursiva é tendente a negar ciência e intenta restaurar o obscurantismo medievalizante. Com base em elementos da Semiótica Francesa (GREIMAS; COURTÉS; FLOCH), são propostas três táticas desmitificantes: a primeira consiste em reconhecer que a ideologia circula pelo discurso; a segunda diz respeito à categorização da verdade; e a terceira é a consciência da complexidade e da singularidade dos discursos científico, filosófico e literário. Dos três, o discurso literário seria o mais identificado com os valores utópicos necessários à civilização, em sua luta contra a barbárie e a mistificação.

**Palavras-chave:** epistemologia, civilização, barbárie, ideologia, Semiótica Discursiva.

## PRAXIS DISCURSIVES ET TOIS TACTIQUES DÉMYTHIFIANTES

### Résumé

Cet article propose une réflexion sur la fonction humanisante de la connaissance, dans le moment historique actuel, dans lequel la crise du capitalisme refait ses déguisements idéologiques discursifs. À l'heure actuelle, l'attention est attirée sur une pratique discursive qui cherche à nier les civilisations inaugurées au XVIIIe siècle avec les Lumières. La devise de la Révolution française – "Liberté, Égalité, Fraternité" – est toujours présente aujourd'hui, car elle a inspiré le discours civilisateur, comme dans la Déclaration des droits de l'homme et la Constitution fédérale de 1988 au Brésil. Le discours contre les valeurs des Lumières est proposé par un antidestinataire qui propose un contrat anticivilisateur à un destinataire collectif dont la praxis discursive tend à nier la science et à tenter de restaurer l'obscurantisme médiéval. À partir d'éléments de la sémiotique française (GREIMAS; COURTÉS; FLOCH), trois tactiques démythifiantes sont proposées: la première consiste à reconnaître que l'idéologie circule dans le discours; la seconde concerne la catégorisation de la vérité; et la troisième est la conscience de la complexité et du caractère unique des discours scientifique, philosophique et littéraire. Parmi les trois, le discours littéraire serait le plus identifié aux valeurs utopiques nécessaires à la civilisation dans sa lutte contre la barbarie et la mystification.

**Mots-clés:** épistémologie, civilisation, barbarie, idéologie, sémiotique discursive.

### 1 – Introdução

Não exagero em dizer que, sob o título “Literatura, cultura, religião, imaginário, mito e outros saberes, como forma de pensar, sentir e conceber o mundo”, no qual se abriga o presente artigo, caberiam não só as ciências humanas, mas todo o saber universitário. Assim, não me resta

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Literatura e membro do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará. leitejr@ufc.br

dúvida de que recebi um convite para compartilhar uma reflexão sobre a função humanizadora do saber, isso num momento histórico grave, em que a crise do capitalismo refaz seu mimetismo ideológico, configurado, na contemporaneidade, como um discurso que anacronicamente nega os alcances civilizatórios instaurados na alvorada do poder político burguês, no século dezoito, cuja lexicalização se consagrou como Iluminismo.

É inegável que os valores revolucionários suscitados pela aliança da classe burguesa com a classe trabalhadora, sintetizados no trinômio “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”, têm servido de glosa às diversas formas assumidas pelo discurso civilizatório, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que está completando setenta anos, ou a Constituição Cidadã, que Ulysses Guimarães nos entregou há trinta anos.

Mas, como já cantou Caetano Veloso (1991), “Alguma coisa / Está fora da ordem / Fora da nova ordem mundial”. Semioticamente falando, se há uma ordem, esta se traduz como uma virtualização contratual histórica, que nos convoca, pelo querer ou pelo dever, a uma práxis discursiva que nos leve a um desempenho humanizador, por palavras, atos e omissões (sim, já que não fazer é uma escolha), que só seriam eficazes na medida em que, como base valorativa, atualizem paradigmaticamente o trinômio revolucionário francês. A negação da ordem e a afirmação de uma desordem pressupõe a existência de um antidestinador, que, na negociação de valores necessariamente anti-humanistas, busca arregimentar uma coorte disposta a se contrapor aos alcances históricos decorrentes do Iluminismo, por palavras (ordinariamente “gritadas” em caixa-alta), atos (assumidos nas redes sociais) e omissões (em conivência com os mais diversos aparelhos de Estado), negando a liberdade pela aclamação de líderes despóticos, a igualdade pela exaltação pseudoliberal da plutocracia rentista e a fraternidade pelo anúncio de novas formas de escravidão, algumas das quais disfarçadas pelo brilho aliciante do novo bezerro de ouro, a idolatria tecnológica.

## **2 – Desenvolvimento**

Não creio ser possível colocar em ordem o sistema capitalista, hoje consumido por uma de suas mais agudas e complexas de suas crises cíclicas, mas não tenho dúvida de que se possa colocar em ordem o discurso humanístico, de modo que a entropia do sistema deixe de ser sentida com um fato consumado e possa ser lida como um texto.

A semiótica nos ensina que os fatos são da ordem do acontecimento, mas o discurso é da ordem da história. E vale lembrar que contra fatos não há argumentos. Por outro lado, são os argumentos que sustentam o discurso. Na qualidade de actantes discursivos convocados pelo destinador histórico, não nos cabe operar diretamente sobre os fatos consumados, mas podemos, para não dizer devemos, exercer nossa práxis discursiva sobre os fatos, libertando-os da

incomunicabilidade factual para colocá-los em circulação, segundo nossa visão de mundo (conservadora ou não).

E o que dizer de nossa práxis discursiva numa sociedade em que as relações entre capital e trabalho se desmaterializam? De um lado há o capitalista incorpóreo e volátil na “nuvem” do mercado financeiro; e de outro, o trabalhador que se “uberiza”<sup>i</sup> no anonimato de seu serviço. Vivemos num tempo em que a pessoa física é substituída pela pessoa jurídica, em contratos marcados por uma imoral reificação, já que pessoa física é uma pessoa, mas pessoa jurídica é uma coisa. Pessoas são escravizadas ao serem consideradas coisas e terceirizadas ao serem consideradas quase pessoas. O que dizer de um tempo em que não se tem fé no Estado laico, numa clara negação do que expressa a Constituição de 1988? Um tempo em que uma pessoa tornada pública pelo voto se sente no direito de posar nas redes sociais com um taco de beisebol em que se lê a expressão “direitos humanos”?<sup>i</sup> Num tempo em que as palavras do evangelista João (8:32) – “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” (BÍBLIA, 2009) – são descontextualizadas e empregadas em seu sentido inverso?<sup>i</sup>

Num tempo de falso messianismo e de neofariseísmo (para não dizer neofascismo), a práxis discursiva deve desmitificar o mito e desenredar a rede de onde vêm os disparos da ideologia.

Nessa guerra de posições ideológicas na disputa pelo sentido – a conhecida “disputa de narrativas” – a semiótica pode e deve ser convocada. Para tanto, formulo três táticas de inspiração semiótico-discursiva:

A primeira consiste em reconhecer que a ideologia circula pelo discurso. Como não existe neutralidade discursiva, não há como “ficar em cima do muro”, visto que os interesses em disputa definem de que lado se situa quem atualiza enunciativamente o repertório de valores sociais. Assim entendido, o discurso, inclusive o mitológico, não servirá a dois senhores ao mesmo tempo.

---

<sup>i</sup> Resguardando este texto da inevitável datação histórica, faço lembrar a relação contratual de aplicativos como o Uber (Uber Technologies Inc., com sede em San Francisco, Estados Unidos da América), que parece desconsiderar a assimetria da relação entre capital de trabalho.

<sup>i</sup> “Independente do caso que, novamente, foi utilizado para marcar as discussões do movimento Escola Sem Partido, a deputada estadual eleita, Ana Caroline Campagnolo, que agora pede a denúncia de professores e que já postou fotos na rede apontando um revólver, segurando uma espingarda e um taco de beisebol com a inscrição “direitos humanos” continuou o mestrado, mas acabou sendo reprovada pela banca examinadora.” IG, Portal (Ed.). Deputada do PSL pede para alunos denunciarem professores críticos a Bolsonaro. **IG**. São Paulo, p. 1-1. 29 out. 2018. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2018-10-29/deputada-do-psl-denunciar-professores.html>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

<sup>i</sup> A campanha de Jair Bolsonaro à presidência da República reiterou essa citação bíblica, mas foi marcada pelas emissões em massa de notícias falsas (“fake news”), financiadas por apoiadores milionários. FOLHA DE SÃO PAULO (Brasil) (Ed.). Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp: : Com contratos de R\$ 12 milhões, prática viola a lei por ser doação não declarada. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. out. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

A segunda diz respeito à categorização da verdade: o quadrado semiótico (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 400-404) nos mostra que a verdade não existe como algo em si, sendo construída segundo os interesses colocados em discurso: a verdade é aquilo que é e que parece ser segundo o interesse em jogo; o disfarce é aquilo que é mas não parece; a mentira é o que parece mas não é; e o falso é o que nem é e nem parece ser. Ora, se “o mito”, segundo Pessoa (2006, p. 41), “é o nada que é tudo”, então o que impede que o mito – mormente querendo ser o tudo acima de todos (“L’État c’est moi.”) – acabe não sendo nada? Mito é mentira, mas, para quem compartilha o sistema de valores que o sustenta, nada é mais verdadeiro que o mito... O que alimenta o mito é a fé. Como se sustenta no crer, o discurso mítico não sobrevive ao discurso histórico, já o discurso mítico faz crer para ver, ao passo o discurso histórico faz ver para crer. O antídoto semiótico para o mito é a História (com inicial maiúscula). Mitos e fantoches têm seu tempo histórico de validade.

A terceira é a consciência da complexidade e da singularidade do discurso. A tarefa de desmitificar é uma tarefa discursiva. Somos todos actantes da práxis discursiva, lembrando que o sujeito da enunciação são dois em um, como as duas faces de uma moeda: enunciador e enunciatário a um tempo compartilham e disputam os valores de sentido do enunciado. A complexidade da crise em que nos enredamos exige uma contrapartida complexa do ponto de vista discursivo. Discursos simples não dão conta desse desenredo ideológico. Isso quer dizer que quanto mais simples for a construção discursiva, mais caótica é a comunicação!<sup>i</sup> (O mito de hoje está twittando... O Twitter evoluiu de mensagens de 140 para espantosos 240 caracteres!)<sup>i</sup>.

O simples e genérico é enganoso. Por isso devemos buscar as formas mais complexas e singulares do discurso, sem o quê seremos abduzidos para uma regressão cognitiva e civilizatória rumo à barbárie. E aqui – já que estamos nesta trincheira universitária – aponto três campos do saber, cada um com sua complexidade e singularidade, que podem operar como poderosos adjuvantes provedores do saber necessário a uma práxis discursiva desmitificadora: o filosófico, o científico e o literário. Aprendi na leitura de Leandro Konder (2009) que a produção do discurso intelectual e artístico é também uma modalidade de trabalho, aliás, dos menos valorizados no utilitarismo capitalista.<sup>i</sup> Em sua singularidade, diferentemente do trabalho que transforma a matéria

<sup>i</sup> A teoria da informação nos ensina que “quanto menos informação no sistema, maior a entropia”.

<sup>i</sup> Sobre o uso do aplicativo Twitter, é notável seu uso pelo atual presidente estadunidense Donald Trump, por que Jair Bolsonaro é manifesto admirador. O uso de redes sociais é assunto que tem despertado grande interesse acadêmico. Eis um exemplo: RUEDIGER, Marco Aurélio (coord.). **Robôs, redes sociais e política no Brasil** [recurso eletrônico]: estudo sobre interferências ilegítimas no debate público na web, riscos à democracia e processo eleitoral de 2018. Rio de Janeiro: FGV, DAPP, 2017.

<sup>i</sup> A mais recente reforma ministerial, com a extinção de ministérios como o do Trabalho e o da Cultura, sob a presidência de Bolsonaro, traduz essa desvalorização. Conferir nesta matéria: O GLOBO (Brasil) (Ed.). Governo Bolsonaro anuncia que terá 22 ministros; 7 ministérios serão extintos Trabalho será extinto e incorporado a outras três pastas: : Ministério do Trabalho reage ao anúncio e diz que extinção da pasta é inconstitucional. **Jornal Nacional**. Rio de Janeiro, p. 1-1. 3 dez. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/12/03/governo-bolsonaro-anuncia-que-tera-22-ministros-7-ministerios-serao-extintos.ghtml>>. Acesso em: 4 dez. 2018.

em produto, o trabalho intelectual e artístico é instaurador. Isso quer dizer que o trabalho intelectual e artístico não é reprodutor, mas essencialmente produtor, ou seja, cada obra intelectual e artística é algo novo. Se no trabalho material ocorre uma cadeia de produção, no trabalho intelectual e artístico, que se realiza na forma de discurso-objeto, ocorre uma rede criativa, ou seja, a interdiscursividade, pois discursos só se comunicam e se produzem com discursos. É por isso que o povo diz que o saber não se rouba. Pode-se roubar o trabalhador e mesmo o trabalhador intelectual e artístico com baixos salários, mas não há notícia de que se tenha roubado o saber de alguém, entendido como bem imaterial. Pelo plágio se pode até copiar o produto do saber, mas não sua fonte. Essencial ressaltar o trabalho que faz convergir e pôr em circulação o trabalho artístico e intelectual: esse é o trabalho do magistério. O magistério é – com licença pelo neologismo híbrido – um metatrabalho, cabendo-lhe dinamizar o saber de geração a geração.

Dos três campos discursivos – o filosófico, o científico e o literário –, permitam-me, o de arco mais complexo é o literário. Nada é mais desmitificador do que a literatura, já que esta é capaz de criar, recriar, construir e desconstruir o mito.

O cantor e compositor Cazuza (1989) foi filósofo, cientista e poeta quanto profetizou: “Enquanto houver burguesia / Não vai haver poesia.”

O fato é que havia poesia no estandarte: “Liberdade, Igualdade, Fraternidade.” É preciso glosar esse trinômio com os discursos complexos da filosofia, da ciência e da literatura mediante conexões isotópicas.

### 3 – Conclusão

Para encerrar, recorro ao quadrado semiótico proposto por Jean-Marie Floch (2014), mesmo ciente de que ele o propôs para outros propósitos (anexo 1). O quadrado, de origem projetado para a categorização dos discursos de consumidores de supermercado na França, impressiona pelo que revela de percepção antropológica, sabendo-se que a Antropologia é uma das bases epistemológicas do projeto semiótico greimasiano. Para os fins desta exposição, fiz um espelhamento horizontal desse quadrado, de modo que os valores utópicos sejam a culminância da dêixis positiva:

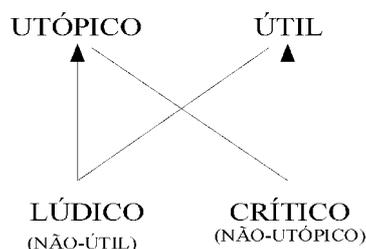


Figura 1 – Quadrado semiótico adaptado de FLOCH (2014).

Glosar com nosso discurso o lema da Revolução Francesa significa assumir a narratividade que nega o utilitarismo (automatismo, impulsividade...) mediante o lúdico (literatura, arte, esporte...), o que implica o utópico (valores existenciais). É preciso negar o automatismo verbal que reduz o debate político a uma discussão de torcedores fanáticos.

É preciso euforizar nossos esforços discursivos, direcionando-os para os valores existenciais. Do contrário, no lugar da utopia, teremos a distopia e, no lugar do lúdico, teremos a produção em série de humanoides.

Sobretudo em tempos de crise aguda, a burguesia não tem como sustentar o objeto de valor utópico em torno do qual se estabeleceu o percurso narrativo que tirou a humanidade da barbárie e da tirania. Ela prometeu a liberdade, mas promove o encarceramento e a criminalização da classe trabalhadora, prometeu a igualdade, mas segrega a maioria da população pelas formas mais abjetas de triagem e de preconceito, e prometeu a fraternidade, mas se compraz com o derramamento de sangue do próprio irmão.

Muitos mitos e fantoches virão, é certo; mas a sanção histórica nos permite vislumbrar um final trágico para uma classe que já surgiu sob o signo da mentira. E não só na História, mas também como nas histórias populares, o fim da mentira é o desmascaramento. Aí, sim, a verdade triunfará e libertará a civilização dos opressores, já então desarmados de todos os seus recursos discursivos obscurantistas.

### Referências Bibliográficas

- BÍBLIA, Português. **Bíblia de Estudo de Genebra**. 2.ed. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil (SBB); São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2009.
- CAZUZA. **Burguesia**. In: \_\_\_\_\_. *Burguesia*. PolyGram. 1CD (68min37s).
- FLOCH, Jean-Marie. A contribuição da semiótica estrutural para o design de um hipermercado. **Galaxia**, São Paulo, n. 27, p. 21-47, jun. 2014
- FOLHA DE SÃO PAULO (Brasil) (Ed.). Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp: : Com contratos de R\$ 12 milhões, prática viola a lei por ser doação não declarada. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. out. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>>. Acesso em: 16 nov. 2018.
- GLOBO, O (Brasil) (Ed.). Governo Bolsonaro anuncia que terá 22 ministros; 7 ministérios serão extintos Trabalho será extinto e incorporado a outras três pastas: : Ministério do Trabalho reage ao anúncio e diz que extinção da pasta é inconstitucional. **Jornal Nacional**. Rio de Janeiro, p. 1-1. 3 dez. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/12/03/governo-bolsonaro-anuncia-que-tera-22-ministros-7-ministerios-serao-extintos.ghtml>>. Acesso em: 4 dez. 2018.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008.
- IG, Portal (Ed.). Deputada do PSL pede para alunos denunciarem professores críticos a Bolsonaro. **Ig**. São Paulo, p. 1-1. 29 out. 2018. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2018-10-29/deputada-do-psl-denunciar-professores.html>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

KONDER, Leandro. **Marxismo e alienação**: contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. Porto Alegre: L&PM, 2006.

RUEDIGER, Marco Aurélio (coord.). **Robôs, redes sociais e política no Brasil** [recurso eletrônico]: estudo sobre interferências ilegítimas no debate público na web, riscos à democracia e processo eleitoral de 2018. Rio de Janeiro: FGV, DAPP, 2017.

VELOSO, Caetano. **Fora da ordem**. In: \_\_\_\_\_. Circuladô. PolyGram, 1991. 1CD (39min59s).

## Anexo

